



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS PARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA PLENÁRIA DA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO

15 de Outubro de 1998

Venerados Senhores Cardeais

Caríssimos Irmãos no Episcopado e no Sacerdócio!

1. Grande é a minha alegria ao encontrar-vos por ocasião da Plenária da Congregação para o Clero, que vos vê reunidos com sentimentos de profundo amor por aquele insubstituível «dom e mistério», que é o sacerdócio ministerial. Saúdo-vos cordialmente, com um particular pensamento para o Senhor Cardeal Dario Castrillón Hoyos, que em nome de todos me dirigiu nobres palavras de devoção e de afecto.

O propósito da vossa Plenária é ajudar os sacerdotes a cruzarem, com as devidas disposições, a Porta Santa do já iminente Grande Jubileu, trazendo no coração renovados sentimentos de adesão à própria identidade e de empenho na dedicação à dinâmica missionária que dele resulta.

Oportunamente escolheste como argumento da vossa reflexão um tema de fundamental relevância, como é «O presbítero, guia da comunidade, mestre da palavra e ministro dos sacramentos, na perspectiva da nova evangelização». Ele assume todo o seu significado, se for examinado à luz do Jubileu. O Ano Santo 2000, de facto, quer não só celebrar um evento cronológico singular, mas fazer memória dos «magnalia Dei» (cf. *Act 1*), documentados nos dois mil anos de história da Igreja, que nos diversos lugares e tempos é prolongamento da Encarnação do Verbo. O Jubileu tem em vista suscitar um coração «contrito e humilhado» pelas nossas culpas pessoais, reavivar o impulso missionário na consciência de que só Jesus Cristo é o Salvador, introduzir cada um na alegria do encontro com o amor misericordioso de Deus, que quer a salvação de todos os homens (cf. *1 Tm 2, 4*).

2. O sacerdócio de Cristo constitui uma consequência da Encarnação. Ao nascer da sempre Virgem Maria, o Filho

unigénito de Deus entrou na ordem da história. Tornou-Se sacerdote, o único sacerdote e, por isto, aqueles que na Igreja estão revestidos da dignidade do sacerdócio ordenado, participam dum modo específico no Seu único sacerdócio. O sacerdócio ordenado é componente insubstituível do edifício da redenção; é canal através do qual fluem normalmente as águas frescas necessárias para a vida. Este sacerdócio, ao qual se é chamado por pura gratuidade (cf. *Hb* 5, 4), é ponto nevrálgico da inteira vida e missão da Igreja.

Mediante o sacramento da Ordem, o sacerdote é transformado no «próprio Cristo», para realizar as obras de Cristo. Opera-se nele, graças a um carácter específico, à semelhança de Cristo, Cabeça e Pastor. Esta nota do carácter indelével é inseparável da consagração sacerdotal (cf. *PO*, 2; *LG*, 21; *CIC*, 1558): dom de Deus, dado para sempre! O sacerdote ungido pelo Espírito Santo deve, portanto, propor a si mesmo a fidelidade absoluta e incondicionada ao Senhor e à sua Igreja, porque o empenho do sacerdócio possui em si o sinal da eternidade.

O sacerdote, como Cristo e em Cristo, é enviado. A «missão» salvífica, que lhe é confiada para o bem dos homens, é requerida pela sua própria «consagração sacerdotal» (cf. *LG*, 28) e já está implícita no «chamamento», com o qual Deus interpela o homem. Portanto, «vocação, consagração e missão» constituem o tríptico de uma mesma realidade, elementos constitutivos da essencialidade do sacerdócio (cf. *PDV*, 16).

3. Recordar estas realidades, falar do aspecto insubstituível do sacerdócio ordenado equivale a realizar hoje uma acção que, para aquele que perscruta profundamente a vida eclesial, não pode deixar de aparecer deveras providencial. Com efeito, não faltam tentativas mais ou menos explícitas de deformar o inteiro evento eclesial, tal como foi querido pelo divino Fundador. Remonta, de facto, à vontade de Cristo que a sua Igreja, Povo de Deus em caminho, seja constituída e estruturada como sociedade hierarquicamente ordenada (cf. *LG*, 20) onde, embora todos estejam revestidos da mesma dignidade, nem todos têm as mesmas tarefas, mas com diversidade de ministérios, isto é, de funções ou serviços, cada um contribui segundo o próprio estado para o testemunho do Evangelho no mundo.

Por esta razão, encorajo-vos no vosso empenho em pôr em evidência a missão do presbítero, à luz da reflexão que estais a fazer nesta Plenária.

4. O presbítero é, antes de tudo, guia do povo a ele confiado. A estrutura da Igreja transcende o modelo tanto «democrático» como «autocrático», porque se baseia sobre o «envio» do Filho por parte do Pai e sobre a atribuição da «missão», através do dom do Espírito Santo aos Doze e aos seus sucessores (cf. *Jo* 20, 21). É este o ensinamento já presente na *Presbyterorum ordinis*, lá onde o Decreto conciliar trata da «autoridade com que Cristo faz crescer, santifica e governa o Seu povo» (cf. n. 2). É esta uma Autoridade que não tem origem a partir de baixo nem pode, portanto, ser autonomamente definida na sua extensão e exercício por nenhum consenso de base.

Depois, o presbítero está em união com o seu Bispo, mestre da Palavra. Dela é mestre, sendo antes seu servo (cf. *PO*, 4). Todos os fiéis, em virtude dos sacramentos da iniciação cristã, são chamados à evangelização, segundo o próprio estado de vida, mas o ministro ordenado exerce essa missão com autoridade e graça que lhe vêm não da necessária ciência e competência, mas da ordenação (cf. *PDV*, 35).

Enfim, o presbítero é ministro dos sacramentos. Com efeito, não se pode promover uma evangelização autêntica que

não tenda a redundar na celebração dos sacramentos. Portanto, não pode haver evangelização que não esteja orientada para essa celebração (cf. *PO*, 5).

5. Tudo isto deve ser vivido na perspectiva da nova evangelização, que encontra o seu momento forte no empenho pelo Grande Jubileu. Aqui se entrelaçam de maneira providencial as vias traçadas pela Carta Apostólica *Tertio millennio adveniente* e as indicadas pelos *Directórios para os presbíteros e para os diáconos permanentes*, pela *Instrução acerca de algumas questões sobre a colaboração dos fiéis leigos no sagrado ministério dos sacerdotes* e por tudo o que será fruto da presente Plenária.

Graças à universal e convicta aplicação destes documentos, a já habitual expressão «nova evangelização» poderá traduzir-se de modo mais eficaz em realidade operante. O próprio título da vossa Plenária focaliza a peculiaridade do sacerdote, o seu ser na Igreja e diante dela (cf. *PDV*, 16). Ajudar os sacerdotes a redescobrirem as características fundamentais do sagrado ministério constituir á para eles a melhor preparação para cruzarem o limiar da Porta Santa, convertidos para a verdade de si mesmos: a de pessoas conformadas a Cristo, Cabeça e Pastor, em virtude de um carácter específico. Só daqui nasce a missão. Ela exige que cada cristão seja exactamente ele mesmo e aja de maneira consequente. Compreende-se, então, o carácter insubstituível dos diversos estados de vida na Igreja.

Por conseguinte, é necessário tornar sempre mais límpidas a identidade e a especificidade de cada um. Só no respeito das diversas e complementares identidades a Igreja será plenamente crente e, por conseguinte, crível e poderá entrar, rica de esperança, no novo milénio (cf. *PDV*, 12).

Nesta perspectiva, enquanto vos convido a depor todas as vossas iniciativas nas mãos d'Aquela que, como a aurora, prenuncia o sempre novo advento do Senhor Jesus na história, a todos concedo a minha Bênção.

I